

“ESTÓRIAS QUE A HISTÓRIA TECE”: REFLEXÕES A PARTIR DO ROMANCE *SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS*, DE PEPETELA

Sheila Ribeiro Jacob

Orientadora: Laura Cavalcante Padilha

Doutoranda

RESUMO: Partindo da leitura do último livro lançado por Pepetela, intitulado “Se o passado não tivesse asas” (Leya, 2016), abordaremos as relações entre história e literatura que se apresentam neste romance. A obra em questão se constrói a partir de duas histórias espelhadas, que são apresentadas de forma intercalada e se desenvolvem em tempos distintos da história de Angola: 1995, ano de guerra civil, e 2012, uma década depois que a “paz desdobrou [oficialmente] sua manta sobre o país” (p. 349). No primeiro núcleo, acompanhamos Himba e Kassule, “filhos da guerra” (p. 64), crianças amadurecidas pelo horror do momento histórico em que vivem e que precisam empreender uma verdadeira luta diária pela sobrevivência em Luanda. Condenados a dormir na rua e alimentar-se das sobras de um restaurante, ambos vão estabelecendo as relações de afeto possíveis em condições tão difíceis. Já o segundo núcleo narrativo nos apresenta a história de Sofia e Diego, irmãos que habitam uma cidade já liberta dos perigos da guerra declarada, mas que está voltada à especulação imobiliária e ao luxo de poucos privilegiados, perpetuando as desigualdades sociais que se arrastam desde os tempos coloniais. Procuraremos, portanto, refletir acerca dos sentidos mobilizados pela convocação da história pela literatura, especialmente no romance em questão. Acreditamos que o passado, da forma como se elabora por meio dessa ficção, possibilita reflexões acerca do tempo presente, principalmente com relação a novas formas de violência à produção de vidas descartáveis e invisíveis em tempos neocoloniais, em que é necessário empreender esforços éticos e afetivos para que não se confirme a previsão do personagem Diego, para quem a “ditadura da ganância” (p. 371) parece se afirmar como único destino possível.

PALAVRAS-CHAVE: História, ficção, romance angolano, Pepetela.

A sedução do escritor angolano Pepetela pela história de seu país é marca de sua extensa produção literária, como deixam claro diversos estudiosos que se vêm debruçando sobre as obras do autor. Basta lembrar, por exemplo, alguns títulos como *Mayombe* (1980), *A Gloriosa Família: o tempo dos flamingos* (1997), *Predadores* (2005), *A Sul: O Sombreiro* (2012) e o emblemático *A Geração da Utopia* (1992), nos quais a preocupação com as questões sociais e a iniciativa de (re)contar a história da nação angolana tornam-se evidentes.

Em prefácio assinado para uma publicação da pesquisadora santomense Inocência Mata, resultado da tese de doutoramento na qual ela procurou investigar as relações entre a história e a ficção angolana, focando no caso de Pepetela, ele mesmo assume esse diálogo “quase indispensável”, nas palavras do escritor. Diz ele:

A minha geração foi privilegiada por ter tido que fazer opções dramáticas. [...] Por ter de fazer esse tipo de opções (lutar ou não lutar contra a situação colonial, pegar em armas ou trabalhar no exílio frio, desertar ou continuar num exército de ocupação colonial, etc., etc.) a literatura da minha geração está “contaminada” por essas opções pessoais. **Daí o socorrer-se do passado para pensar o presente e perspectivar o futuro**, daí o interesse pelos problemas que fracturam a sociedade, daí a ligação quase indispensável com o facto político. Os meus livros não podiam ser excepção (in MATA, 2010, p. 14, grifo nosso).

Como o próprio autor afirma nesse trecho, a abordagem ficcional do passado servia – e ainda serve – não apenas para manter viva a memória de um acontecimento, mas também para ser um poderoso aliado nas reflexões acerca do tempo presente e, a partir daí, colaborar para “perspectivar o futuro”. É esse movimento, de recordação e reflexão, que surpreendemos mais uma vez no recém-lançado romance *Se o passado não tivesse asas* (Ed. Leya, 2016), como o próprio título já sugere. A obra constrói-se a partir de duas histórias paralelas, apresentadas em idas e vindas no tempo de Angola como se fossem as ondas do mar que banha a ilha de Luanda, um dos territórios privilegiados na narrativa. Intercalando os anos de 1995 e 2012, vamos conhecendo os desafios enfrentados no passado pelos amigos Himba e Kassule, que lutam por sua sobrevivência; e os dramas vividos pelos irmãos Sofia e Diego Moreira já no pós-guerra. O autor mais uma vez, por meio dessa potente ficção, nos permite, citando um trecho do romance, “abrir o livro do passado” (2016, p. 265) e contrapor o ontem ao hoje em suas rupturas e permanências.

A obra se inicia anunciando como marco temporal o ano de 1995, portanto, época de guerra civil, retomada após algumas tentativas fracassadas de acordos de paz. Nós, leitores, passamos a acompanhar a trajetória de Himba, uma menina de 13 anos que perdeu a família na fuga de Huambo para Luanda após terem decidido abandonar tudo “porque mais uma vez a guerra chegou na terra deles” (2016, p. 9). Sozinha e sem rumo, precisa aprender a sobreviver em uma cidade inóspita, na qual as únicas certezas são as ameaças constantes, o abandono, a falta de abrigo e a fome, “uma das experiências mais radicalmente desmoralizadas” da humanidade, comparável à “guerra de trincheiras”, nas palavras de Walter Benjamin em seu ensaio “Experiência e pobreza” (1994, p. 115).

Tendo o corpo e a subjetividade violentados em Luanda, Himba acaba amadurecendo de forma precoce, encontrando refúgio na amizade de Kassule, um menino de dez anos que, assim como ela, também é “filho da guerra” (2016, p. 64). A mãe deste personagem morreu após a explosão de uma mina, acidente que o fez perder uma perna e aguardar, ansiosamente, a possibilidade de colocar uma prótese. Tornara-se, na visão do personagem Tobias, “uma migalha de gente, um sub-humano” (p. 180), espelho de uma terra também arrasada e mutilada por combates fratricidas.

Nessa cidade, convertida em lar de Himba e Kassule, ficamos sabendo dos tantos órfãos de guerra que, assim como eles, lá se foram amontoando, crianças de diversas regiões do país que perderam a família e passaram a buscar refúgio perto do mar, cheirando gasolina e pedindo esmola para sobreviver. São crianças marcadas pela dor cujas vidas de miséria foram cantadas em verso graças ao olhar sensível da poetisa angolana Paula Tavares em seu “November without water”. Vejamos o poema:

Olha-me p’ra estas crianças de vidro
cheias de água até às lágrimas
enchendo a cidade de estilhaços
procurando a vida
nos caixotes do lixo.

Olha-me estas crianças
transporte
animais de carga sobre os dias
percorrendo a cidade até aos bordos
carregam a morte sobre os ombros
despejam-se sobre o espaço
enchendo a cidade de estilhaços.

(TAVARES, 2011, p. 95)

Ao lermos sobre esse mundo das crianças que procuram a vida nos caixotes do lixo, como disse a poetisa, “dos meninos de rua, dos refugiados sempre a guerrear pela sobrevivência” (p. 66-67), nas palavras de Pepetela, é quase impossível para nós, leitores brasileiros, não nos lembrarmos quase imediatamente dos *Capitães da areia* que conhecemos por meio da literatura de Jorge Amado, aqueles meninos que, cito, “vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas” (AMADO, 2009, p. 27).

É cruel lermos a dureza da “vida tão curta e cheia de tristezas, terror, sofrimento” (2016, p. 246) dos “kandengues de areia” (p. 179) de que trata Pepetela neste romance. Ele mesmo, ao comentar sobre o livro em um evento recente na UFRJ, em junho de 2016, declarou que “o contexto é sempre determinante na obra do escritor, quer queira, quer não”, e, depois, questionou: “se o contexto é terrível, como é que uma pessoa pode escrever alguma coisa branda?”. Com este livro, o autor rompe, a meu ver, com anaturalização e a banalidade decertas situações de precariedade, reconhecendo e, ao mesmo tempo, se opondo à facilidade com que a exceção se tem tornado regra, lembrando Benjamin, mais uma vez, e o poeta alemão Bertolt Brecht.

Esse, aliás, é um tema tratado por diversos estudiosos, como, por exemplo, Judith Butler. Em *Quadros de guerra*, a filósofa estadunidense reflete sobre o que determina o fato de certas vidas serem passíveis de luto e despertarem a sensibilidade, comiseração e indignação pública, enquanto outras situações são banalizadas – como as vividas pelos meninos no romance, ou as de vítimas de guerra quando estão do lado do “inimigo”. Em suas palavras, “há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca são reconhecidas como vida” (2015, p. 17). E afirma, então, a possibilidade ética e transformadora literatura ao recuperar versos escritos por prisioneiros de Guantánamo, poemas definidos por ela como “atos críticos de resistência, interpretações insurgentes, atos incendiários que, de algum modo e inacreditavelmente, vivem através da violência à qual se opõem, mesmo que ainda não saibamos em que circunstâncias essas vidas sobreviverão (2015, p. 97). Tais textos, aliás, chegaram a ser censurados pelo

Pentágono, pois representariam “um grande risco para a segurança nacional em razão de seu conteúdo e formato”, segundo a pesquisadora (p. 88).

Os romances de Pepetela e Jorge Amado nos permitem redescobrir o afeto e a humanidade daqueles meninos que, vítimas da cruel violência da fome e da miséria, se tornam, hoje, os “condenados” de uma terra ainda marcada por profundas desigualdades e opressões, mesmo tendo superado oficialmente sua condição de colônia. São os “ninguéns” de que também fala Eduardo Galeano. “Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. [...] Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local. Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata” (2002, p. 42). Lembro as palavras de Pepetela mais uma vez, quando disse, em entrevista a Isabel Lucas publicada no *Diário de Notícias*, em 2005, que “o que o escritor tem a fazer é chamar a atenção, levar as pessoas a reflectir sobre certas coisas. Penso que esse é o papel do filósofo. O escritor, no fundo, é um filósofo... Ou então inventar mundos que não existem, mas baseando-se na própria realidade” (in CHAVES, 2005, p. 37).

Volto ao romance. De 1995 passamos ao ano de 2012, dez anos depois de a tão aguardada paz oficial finalmente desdobrar “sua manta sobre o país” e tornar-se uma realidade, sendo possível, às pessoas, voltarem a sonhar. “Nem julgavam já isso provável”, observa o narrador (2016, p. 349). Neste outro momento histórico, os outros dois protagonistas – Sofia e Diego – nos apresentam uma Luanda contemporânea, “onde só o dinheiro era dono e senhor” (2016, p. 22), na qual a superficialidade e a ostentação de certos grupos privilegiados são denunciadas por meio das falas e atitudes dos jovens pertencentes à alta classe luandense que frequentam o restaurante de luxo no qual Sofia trabalha.

A forma como as duas histórias são apresentadas neste romance torna mais evidente a distância social, para além da temporal, dos dois núcleos narrativos, pois ao luxo, excesso e desperdício da realidade de um grupo contrapõem-se a falta, a carência e a miséria dos meninos de rua. Pelo romance, percebemos como a cidade de Luanda contemporânea é o espaço em que ainda reinam diversas formas de violência, como, por exemplo, a especulação imobiliária, a qual levou a uma redistribuição espacial da população ao multiplicar, nas áreas centrais, condomínios de luxo e projetos de urbanização voltados para a classe média, “enquanto muitos moradores dos musseques eram atirados para o Zango e outros bairros de

casas económicas (p. 23). Mais uma aproximação não posso deixar escapar como brasileira que, recentemente, vibrei com o sensível filme *Aquarius*, de Kleber Mendonça Filho. Nele, o poder econômico e político das grandes construtoras é a força contra a qual luta a personagem Clara, interpretada por Sonia Braga. A lógica do capital e do lucro que vimos nas telas do cinema é a mesma que determina as remoções de tantas comunidades do Rio de Janeiro, sendo, por isso, considerada uma “cidade de exceção” nas palavras do professor Carlos Vainer, da UFRJ (2016, p. 40). É semelhante ao modelo que existe do outro lado do Atlântico, este de certa forma mais perverso, que nos chega por meio da literatura, modelo este, aliás, como nós sabemos, que tem como sustentáculo, em Angola, a construtora brasileira Odebrecht.

Quase ao término do romance, as duas histórias, então, finalmente se encontram. O diálogo final, entre Sofia e Diego, é forte e muito significativo, pois, ao mesmo tempo em que denuncia as atitudes individualistas dela, nos apresenta um personagem que, mesmo carregando tantos traumas do passado, diz não à inevitabilidade da corrosão moral pela ambição e pelos jogos mesquinhos de poder. “Outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos... O país é de todos e não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos” (p. 371), ensina o caçula à irmã Sofia, que, na cena-fecho do romance, questiona: “é este o nosso futuro, a ditadura da ganância?” (p. 372).

Neste e tantos outros romances angolanos contemporâneos, constata-se, como sabemos, a sobrevivência das desigualdades, opressões e miséria antes percebidas como obra exclusiva do colonizador e, já no período posterior à independência, protagonizadas pelos próprios filhos de uma terra tão devastada. Confirma-se, desse modo, a previsão de Amílcar Cabral que, durante a primeira Conferência Tricontinental, realizada em Cuba em 1966, já falava dos perigos do neocolonialismo, definido por ele como uma das formas de dominação imperialista, na qual a subjugação de um povo se faz “por meio dum poder político integrado na sua maioria ou na totalidade por agentes nativos” (1980, p. 32). Para que tais agentes não traíssem os ideais da luta de libertação nacional, era necessário, nas palavras do líder do PAIGC, que a burguesia se *suicidasse como classe* (1980, p. 41). Só assim haveria, de fato, a possibilidade de se formarem *homem novos*, prontos a, nas palavras de Joseph Ki-Zerbo, “instalar uma nova decoração, inventar um novo cenário e fazer uma nova escolha de atores para uma nova peça, mais digna do ser humano” (2009, p. 20).

Também Frantz Fanon já havia chamado a atenção para o mesmo risco, dizendo que “a descolonização é, simplesmente, a substituição de uma ‘espécie de homens por uma outra ‘espécie’ de homens. Sem transição, há substituição total, completa, absoluta” (Fanon, 2005, p. 51). Na ficção de Pepetela, já havíamos encontrado eco às previsões de Cabral na fala do Comandante Sem Medo, lúcido personagem do romance *Mayombe*, escrito em 1971 em plena frente guerrilheira. Sem Medo sabe que não haveria lugar para ele em Angola após a independência e, em dado momento, chega a desabafar em diálogo com Ondina: “Isso é que me enraivece. Queremos transformar o mundo e somos incapazes de nos transformar a nós próprios” (1982, p. 208).

O modo como *Se o passado não tivesse asas* se constrói, em idas e vindas no tempo, evidencia a clareza de tal observação, o que, aliás, não é privilégio nem dessa obra específica, nem da produção de Pepetela. Tantos outros autores angolanos contemporâneos – como Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, Manuel Rui e Luandino Vieira – têm efetuado mergulhos no passado para tratar das emergências do presente, denunciando as (novas) formas de violência e apontando para as dificuldades e, ao mesmo tempo, a urgência de se continuar a regar os “teimosos sonhos”, nas palavras da professora Laura Cavalcante Padilha, os quais, apesar das adversidades, têm ousado se afirmar, pois, segundo a pesquisadora,

a distopia, esse grande desafino, nada pode contra eles [teimosos sonhos] e, no fundo da cena da história a escurecer o palco onde se encena a peça chamada ainda utopia, haverá sempre uma luz que nele irromperá, desde que os teimosos encenadores assim o queiram, não deixando que se mudem nem a confiança, nem as vontades (2012, p. 30).

Lembro, mais uma vez, o que disse o próprio Pepetela aos presentes na palestra da UFRJ aqui já citada. Segundo o escritor, “é preciso ter, digamos, esclarecimentos suficientes para compreender que não se vai alcançar a utopia. Por isso é utopia. Mas é preciso sonhar o impossível para tornar o possível realizável. E, nesse sentido, a utopia é positiva”, afirmou aos presentes, dizendo, principalmente aos jovens, ser necessário “manter a chama”. É por isso que, mesmo em um contexto tão cruel, possibilidades de afeto e identificação são possíveis, como a generosa tia Izabel Kimba, que auxiliava como podia os protagonistas; Himba, que em demonstração de companheirismo recusa o emprego na casa de uma senhora para não deixar o amigo mutilado para trás, o que o deixa calado, emocionado, com “os olhos inundados de mar” (p. 110); e o jovem Kaleb, “prático, trabalhador, sério e exigente no seu



trabalho”, que “tinha já causado problema a uma série de amigalhões do pai, dando pareceres negativos sobre projetos de investimento, defendendo com unhas e dentes o meio ambiente e os interesses do país” (p. 130).

Assim, tantas estórias se vão da História tecendo para tratar dos sonhos de uma geração que viu seus planos ameaçados pela soberania da “ditadura da ganância” de que nos falou Diego, ciente de que “o país é de todos e não deve ser culpado pelos erros de seus filhos”. Essa fala, enunciada ao final do romance, nos remete para seu início, pois consiste em epígrafe da obra que temos em mãos, mostrando que, afinal e “portanto, só os ciclos eram [e são] eternos” – como vimos n’*A Geração da Utopia* (2008, p. 11) – e o passado, sim, infelizmente possui asas.

Cabe dizer, para finalizar, que a permanência de diversas formas de violência é uma constatação que ultrapassa as fronteiras do território angolano e, como nós brasileiros bem sabemos, aponta desafios para homens de todo o mundo, já que as opressões e desumanidades seguem sendo uma ameaça. Os questionamentos levantados pela obra nos permitem refletir sobre os (des)caminhos de Angola e de nosso próprio país, também ele dividido por muros invisíveis que fazem da desigualdade social uma de nossas principais degradações morais. O Atlântico faz-se, desse modo, ponte – para conhecermos um pouco melhor as especificidades desse país africano – e, ao mesmo tempo, espelho, refletindo nessas águas que nos separam e nos aproximam nossas próprias virtudes, vícios e urgências de novos e “teimosos sonhos”, os quais, para nós, também se fazem cada dia mais necessários.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.



BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CABRAL, Amílcar. A Arma da teoria. In ANDRADE, Mário de (coord.). *A Arma da Teoria – Unidade e Luta I*. Obras escolhidas de Amílcar Cabral. Lisboa: Seara Nova, 1980.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia. *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2002.

KI-ZERBO, Joseph. Para quando a África?: entrevista com René Holenstein. Trad. Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Luanda: Mayamba Editora, 2010.

PADILHA, Laura Cavalcante. Vozes antigas e seu retecer em teimosos sonhos. FONSECA, Maria Nazareth e CURY, Maria Zilda (org.) *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012. pp. 15-32.

PEPETELA. *Mayombe* (romance). São Paulo: Ática, 1982.

_____. *A geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

_____. *Se o passado não tivesse asas*. Lisboa: Dom Quixote, 2016.

TAVARES, Paula. *Amargos como os frutos: poesia reunida*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

VAINER, Carlos. Megaeventos, Cidade de Exceção e Democracia Direta do Capital: reflexões a partir do Rio de Janeiro. VAINER, Carlos ... [et al.]. *Os megaeventos e a cidade: perspectivas críticas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016, pp. 19-46